



O cotidiano da imigração italiana contada por Nanneto Pipetta à luz dos preceitos da Folkcomunicação¹

Fernando BIFFIGNANDI²
Beatriz Corrêa Pires DORNELLES³

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo verificar como a trajetória da imigração italiana ocorrida no século XIX, no sul do Brasil, foi representada nas páginas do jornal *La Stafetta Rio-Grandense* a partir da publicação das histórias do personagem fictício *Nanetto Pipetta*. Ao evidenciar os preceitos contidos na Folkcomunicação, adotamos uma metodologia analítica documental, sobre os textos escritos em dialeto vênето pelo frade Aquiles Bernardi, criador do personagem. O material coletado, confrontado à luz dos fundamentos teóricos da Folkcomunicação, permitiu-nos demonstrar a importância do líder de opinião como agente facilitador perante os grupos, culturalmente marginalizados, como os imigrantes italianos assentados na serra gaúcha. Foi possível avaliar que a narrativa contando a dura realidade do personagem *Nanetto Pipetta* conectava-se àquela vivida pelos imigrantes italianos, através do uso de uma linguagem simples e facilmente compreendida por eles.

PALAVRAS-CHAVE

Comunicação Social; Jornalismo; Folkcomunicação; Cultura italiana.

Introdução

Com a vinda dos imigrantes italianos no Rio Grande do Sul, no final do século XIX, iniciou-se uma relação comunitária, majoritariamente, em colônias situadas nas áreas rurais de cidades como Caxias do Sul, Bento Gonçalves, Antônio Prado e Garibaldi. Os primeiros italianos que chegaram, na condição de agricultores, encontraram um horizonte de dificuldades pela imposição de conviver com pessoas que não falavam a sua língua e desconheciam os seus costumes. De acordo com De Boni e Costa (1991), entre 1875 e 1914 ingressaram em solo gaúcho de 80 a 100 mil italianos, que trouxeram em sua bagagem, além do cultivo da uva e produção de vinho, sua língua, hábitos, cultura e tradições. O processo de convivência e inserção dos italianos naquelas cidades carecia do apoio de outros familiares ou de instituições comunitárias, associações de

¹ Trabalho apresentado no GT 3: Conteúdos da Folkcomunicação da XVIII Conferência Brasileira de Folkcomunicação.

² Doutorando do Programa de Pós-Graduação em comunicação, da Faculdade de Comunicação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Arquiteto e urbanista do Departamento Municipal de Habitação de Porto Alegre, Mestre em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). E-mail: biffignandi@yahoo.com.

³ Professora Dr^a do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) com Pós-doutorado em Jornalismo, pela Universidade Fernando Pessoa (Portugal). Membro do Grupo de Pesquisa do CNPq, intitulado História da Imprensa. Projeto de pesquisa em andamento, financiado pelo CNPq, sobre a Imprensa do Interior na Era Digital. E-mail: biacpd@pucrs.br.



**XVIII Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Recife-PE, 02 a 05 de maio de 2017 – UFRPE/FACIPE**

mútuo socorro e, por vezes, de um meio de comunicação acessível a todos os patrícios: o jornal. Neste contexto, inserimos *Nanetto Pipetta*. Um personagem fictício, um imigrante criado pelo frade capuchinho Aquiles Bernardi⁴, que se relacionava com os primeiros imigrantes na serra gaúcha contando as suas peripécias em dialeto vêneta - *talian*⁵, uma língua que todo o colono italiano sabia falar.

Ao correlacionar o início da imigração italiana na serra gaúcha, através da narrativa de *Nanneto*, aos preceitos da Folkcomunicação, pretendemos demonstrar a importância do líder de opinião no processo comunicativo oriundo dos grupos marginalizados⁶ social e culturalmente, a partir da imprensa dirigida aos colonos que se estabeleceram no estado gaúcho. Reforçamos, pois, a relevância do jornalismo publicado nas comunidades italianas através do personagem fictício *Nanetto*, publicado no periódico *La Staffetta Rio-Grandense*⁷, que mantinha em sua personalidade, a essência do colono imigrante. Esse jornal, fundado em 1909 pela Ordem Menor dos Frades Capuchinhos, com circulação semanal nas cidades de Garibaldi e Caxias do Sul, teve como público-alvo os imigrantes italianos. Publicado às quartas-feiras⁸ com quatro páginas. O jornal era adquirido individualmente ou por meio de assinatura (\$5 mil Réis, semestral e \$8 mil Réis anual). Não existe uma informação oficial quanto à tiragem exata do periódico,

⁴ Filho de imigrantes italianos, Antônio Bernardi (de Treviso) e Elisa Polesso (de Pádua), nasceu na capela de São Bartolomeu, na 4ª Léguas de Caxias do Sul, em dezembro de 1891. Aos 13 anos mudou-se para Alfredo Chaves, onde passou a frequentar a escola Seráfica. Em poucos anos, é ordenado. Em 1924 começa a trabalhar em Garibaldi, como subdiretor do jornal *Stafetta Rio-Grandense*, momento em que inicia a publicação semanal de *Nanetto Pipetta*. Frei Paulino também foi pároco em Nova Trento, Garibaldi, Veranópolis, Paim Filho, Itapuca e em Conceição de Caxias. Faleceu em 11 de março de 1973.

⁵ O *Talian* (ou vêneta brasileiro) é uma variante da língua falada na Região do Vêneta (norte da Itália) ainda hoje mantida, sobretudo, nos estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Quando os imigrantes italianos começaram a chegar ao Brasil, no final do século XIX, ainda não havia sido estabelecido um idioma italiano oficial na Itália. O IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional incluiu em 2014, o *Talian* no INLD – Inventário Nacional da Diversidade Linguística, sendo oficialmente certificado pelo Ministério da Cultura do Brasil como referência cultural brasileira – Decreto nº 7.387, de 09 de dezembro de 2010. Disponível em < <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/183>>. Acesso em 15.06.2016

⁶ Luis Beltrão conceitua marginal como um indivíduo ‘à margem de duas culturas e de duas sociedades que nunca se interpenetraram e fundiram totalmente’: “Então tínhamos em mira, apenas grupos marginalizados cultural e geograficamente. Hoje pensamos que as pesquisas se devem estender a outros setores excluídos, sem acesso aos ‘mass mídia’, pela sua posição filosófica e ideológica contrária as normas culturais e dominantes, setores que se poderiam classificar de contra culturais” (BELTRÃO, 1980, p. 39).

⁷ Fundado pelo padre Carmine Fasulo, pároco da paróquia de Santa Tereza, de Caxias do Sul (RS), o jornal inicia suas atividades em 13 de fevereiro de 1909 com nome de “*La Libertà*” (a liberdade), configurando-se como um veículo de evangelização adotado pela Ordem dos Capuchinhos no Rio Grande do Sul. Após 1910, adquirido pelo padre Giovanni Fronchetti, tem o nome alterado para “*Il Colono Italiano*” (O colono italiano) e passa a ser editado em Garibaldi (RS). O jornal começou a crescer na região aumentando o número de sessões e artigos assinados, acompanhando o ritmo cotidiano da vida e da história dos colonos italianos e, em 1917, passa a se chamar *La Staffetta Rio-Grandense*. A popularidade do jornal cresceu, dando voz à comunidade e garantindo espaço à cultura genuína nas sessões escritas, por vezes, em *talian* (dialeto italiano). A denominação *La Staffetta Rio-Grandense* pode ser traduzida para o português como *O Estafeta Rio-Grandense* com sentido de *O Mensageiro Rio-Grandense*.

⁸ A pesquisa não detectou informação oficial que explique a razão pela escolha da publicação se dar às quartas-feiras.



porém em seus últimos anos, já como nome de *O Correio Rio-Grandense*⁹ alcançou a cifra de 12 mil exemplares. Embora a linha editorial não estivesse voltada exclusivamente a assuntos religiosos, mas, também, agricultura, indústria, comércio, desenvolvimento social e comunitário, desde o primeiro número (ainda *como La Libertà*) sempre deixou clara a sua vinculação com a Igreja Católica:

Não temos a intenção, nem queremos enganar ninguém. *La Libertà* nasce católico e viverá católico; e se um dia ele morrer, o seu último suspiro será consagrado ao Vaticano, principal morada de Jesus Cristo na terra (LA LIBERTÀ, 1909, p.1 – tradução nossa¹⁰)

Metodologia

Este estudo partiu da leitura de 55 edições¹¹ do Jornal *La Staffetta Rio-Grandense*, referentes ao período de 23 de janeiro de 1924 a 18 de fevereiro de 1925, representando a totalidade das edições que contêm histórias de *Nanneto Pippeta*. A partir desse montante, compomos o corpus desta pesquisa com 12 edições, uma de cada mês, alternando as semanas. Realizamos uma análise textual em conformidade com os princípios evidenciados por Bardin (1977) de acordo com sua representatividade, homogeneidade e pertinência, objetivando, através de uma análise qualitativa, descrever o conteúdo de cada mensagem “que permita a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens” (BARDIN, 1977, p.42). O recorte proposto descreve, a partir das histórias publicadas, o real sentido do líder de opinião¹², inserido no relacionamento cotidiano de uma comunidade com seu jornal.

Ao utilizarmos a Folkcomunicação como referencial teórico, incorporamos o recurso da pesquisa científica sobre os fenômenos comunicacionais desenvolvidos por Luiz Beltrão, referência no pensamento comunicacional brasileiro e latino-americano. A Folkcomunicação, primeira Teoria de Comunicação genuinamente brasileira, é um

⁹ Com o início da II Grande Guerra, o Brasil e a Itália tornaram-se inimigos, representando uma forte interrupção social, sobretudo, nos campos político, social, econômico e cultural. O uso da língua italiana foi proibido no país até que, pressionado, o jornal foi obrigado a alterar o seu nome, em 1941, para *Correio Rio-Grandense*, denominação mantida até os dias de hoje.

¹⁰ No original: *Noi non intendiamo, né vogliamo Illudere nessuno. La Libertà nasce cattolica e vivrà cattolica; e se un giorno dovesse morire, l'ultimo suo anelito sarà consacrato all'augusto Vegliardo del Vaticano, luogo tenente di Gesù Cristo in terra.* (LA LIBERTÀ, 1909, p. 1).

¹¹ As edições catalogadas se encontram digitalizadas no acervo histórico da Câmara Municipal de Caxias do Sul-RS Disponível em: <<http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/portalliquid/Pasta/Documentos/3672>>.

¹² Como base de seus estudos, Beltrão utilizou os preceitos de Paul Lazarsfeld, a respeito da influência dos “formadores de opinião” no processo de comunicação coletiva, onde a mensagem passa por um intermediário antes de chegar até sua audiência final. Desta forma, o pesquisador brasileiro classificou o sujeito intermediário como ‘líder de opinião’, ao servir como comunicador, transmitindo cada mensagem através de um canal *Folk*, ou audiência *Folk*.



processo de intercâmbio de mensagens através de agentes e meios ligados direta ou indiretamente ao folclore. Segundo Beltrão (2004), ela preserva a comunicação interpessoal em sua essência, como um processo de intercâmbio de manifestações e ideias presentes nos diversos grupos sociais, fortalecendo sua bagagem cultural e identidade.

O processo de imigração italiana no Brasil

Inicialmente, é necessário apresentarmos as razões que fizeram com que um grande número de imigrantes italianos tenha vindo para o Brasil fazer sua vida. De acordo com o governo italiano, uma cifra superior a 1,8 milhões de imigrantes italianos e seus descendentes vivia em nosso país entre o final do século XIX e início do século XX (1876 – 1925). Muitas foram as razões que fizeram com que o Brasil pensasse em alternativas viáveis que garantissem a força de trabalho, uma vez que a mão-de-obra estava sendo reduzida com a implantação das leis abolicionistas e o fim da escravatura. Embora, à época, considerada normal e aceitável, a escravidão já encontrava resistências àquele tipo de realidade, angariando aliados para que a decisão da libertação dos escravos fosse garantida, através de legislação, ainda que lentamente. Devemos recordar que a economia de nosso país tinha na sua base o trabalho escravo para realizar as atividades comuns nas fazendas até 1871, quando da extinção do tráfico de escravos. Posteriormente, em 1871 a promulgação da Lei do Ventre-Livre libertou os filhos de escravos nascidos a partir de então.

Nesse contexto, segundo o historiador Bóris Fausto, o Rio Grande do Sul recebeu “cultivadores procedentes em sua maioria do Tirol, do Vêneto e da Lombardia estabelecendo uma série de colônias, das quais a de Caxias foi a mais importante” (FAUSTO, 1998, p. 241). Com o passar dos anos, muitas dessas características foram sendo incorporadas pelos brasileiros como uma marca indelével do italiano a multiplicar-se, proporcionalmente, na medida em que aumentava o fluxo imigratório em busca da conquista do próprio espaço em terras gaúchas.

Pozenato (2005) considera que cada região define as fronteiras de seu espaço não apenas no aspecto físico, mas também no plano simbólico, ou seja, ela passa a ser algo fechado dentro de seus próprios limites territoriais. Logo, a representação da cultura e da identidade dos italianos estabeleceu a essência de seus próprios laços comunitários, distinguindo-os a partir de sua identidade e fala dialetal facilitando a sua adaptação ao meio, nesse caso, ao local diferente de sua origem.



O jornalismo italiano no Brasil e o *La Staffetta Rio-Grandense*

Trento (1989) considera difícil estabelecer o número exato de publicações em língua italiana no Brasil entre 1870 e 1940 porque de algumas delas não há mais nenhum vestígio.

Os únicos cálculos aproximativos falam de 170 títulos entre 1880 e 1920 [...]. Dessas, 295 na cidade de São Paulo e outras 40 no interior do Estado, 64 no Rio de Janeiro, 53 no Rio Grande do Sul, 4 em Santa Catarina, 10 no Paraná, 3 no Espírito Santo, 4 no Pará, 4 em Minas Gerais, 3 na Bahia e 1 em Pernambuco (TRENTO, 1989, p. 185).

Cada publicação, independente da temática ou gênero jornalístico, configurou-se como um meio de orientar, capacitar os imigrantes através da informação, visando sua adequação aos usos e costumes, explorando em suas páginas a temática do cotidiano. Os jornais investiam no processo de experiência compartilhada, os dois lados, editor e leitor, elementos complementares que produziam e reproduziam suas experiências na nova vida, através dos gestos mais simples como as conversas na praça, nos eventos religiosos, nas festas, enfim, a construção da atividade cotidiana.

Editado há pouco mais de um século, o *La Staffetta Rio-Grandense*, ainda que com sua denominação alterada para *Correio Rio-Grandense*, originalmente, é uma das publicações mais longevas no Brasil, iniciando suas atividades voltadas aos italianos que se estabeleceram na serra gaúcha, nos primórdios do processo da imigração. O *La Staffetta* (carinhosamente chamado pelo imigrante) tornou-se um veículo capaz de não apenas informar, função primordial da imprensa, mas de mediar e estruturar ações relevantes à sua cidadania. A aproximação do *La Staffetta* com seus leitores pressupôs o cumprimento de etapas dentro da sua vivência cotidiana ao participar profundamente de seus anseios e necessidades, refletindo em suas páginas o produto desse processo de compartilhamento social. Uma forma clara de compreender que o jornalismo produzido e dirigido aos colonos teve como proposta uma linha de comunicação horizontal, de fácil leitura e interpretação do cotidiano com o objetivo de orientar, integrar e repassar informações agindo, por conseguinte, como promotor da inclusão social dos imigrantes italianos.

Nanetto Pipetta

Mais do que um simples personagem, *Nanetto* se configurou um instrumento de referência, agindo no pertencimento e no reconhecimento social e cultural de muitos indivíduos que chegaram ao Rio Grande do Sul na condição de marginalizados. *Nanetto*, como muitos dos imigrantes, deixou a Itália em busca de oportunidades de



XVIII Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Recife-PE, 02 a 05 de maio de 2017 – UFRPE/FACIPE

trabalho, esperando encontrar na nova terra a tão desejada *cocagna*¹³: *far la Mèrica, per far fortuna*¹⁴. Popularizadas através das publicações do Frei Aquiles Bernardi, as estórias de *Nanetto Pipetta*¹⁵ reúnem textos significativos, considerando a tipologia, linguagem e influência na relação cotidiana com os seus leitores. Os capítulos semanais, contando porque o jovem imigrante viajou à América em busca da *cocanha*, caracterizaram-se como um importante campo de comunicação de massa em uma época em que o rádio e a televisão não estavam disponíveis. Desde a sua criação, esse personagem solitário manteve em suas estórias a expressão mais genuína do desejo do italiano que chegou ao Rio Grande do Sul: a esperança de uma vida melhor. Simples e de coração aberto, porém, astuto nos momentos mais delicados onde a adaptação aos novos modos de vida se fazia necessário.

Uso a palavra para que compreendam: a vida e a estória etc. é exatamente como eu lhes conto. Respirem fundo e sentem-se para não cair. Não digo por dizer, mas a estória é genuína e aqueles que a lerem ficarão contentes e os outros não, por não saberem nada disso (LA STAFFETTA RIO-GRANDENSE, 1924a, tradução nossa¹⁶).

Nesse cenário é que se insere a figura do *Nanneto Pipetta*, protagonista de estórias que prenderam a atenção de adultos, jovens e crianças, contando suas peripécias, em dialeto talian: um genuíno imigrante italiano na serra gaúcha. *Nanetto*, em suas estórias reproduz as manifestações culturais vindas da própria comunidade, através de uma comunicação simples e adaptada ao modo de vida do colono recém-chegado, semelhante aos estudos realizados por Luiz Beltrão. Desde o início de sua publicação, nas páginas do *La Staffeta Rio-Grandense*, as estórias de *Nanneto* tiveram grande receptividade entre os imigrantes italianos. Na verdade, o processo de representatividade social construído dentro da comunidade contribuiu para a identificação com o personagem seja pelo seu modo de falar e agir, mas, sobretudo, por ele ser um imigrante também, como descrito no *Correio Rio-Grandense*: “Nanetto, um jovem que saiu da Itália em busca da *cucagna* na América, personifica os sonhos de todos

¹³ *Cocagna* em português Cocanha. O país da Cocanha, segundo Franco Junior (1998, citado por BAGNO e EWALD (2009, p. 249), foi descrito como um local ideal onde os alimentos são abundantes, não há pobreza, nem carência; as pessoas não envelhecem e nem adoecem; são livres para fazerem o que desejarem, sem restrições todo o tempo.

¹⁴ Um ditado muito usado pelo imigrante italiano com o sentido de viajar à América para melhorar de vida.

¹⁵ *La Vita e stória de Nanetto Pipetta - nassuo in Itália e vegnuo in Mèrica par catare la cucagna. Em português: A vida e estória de Nanneto Pipetta – nascido na Itália e vindo para a América para encontrar a Cocanha.*

¹⁶ No original: “Do parole per capirse. La vita e Storia etecetara etc... la xe próprio come ve ela conto. Tirarghene via saria come rotaria; e zontarghene no cade mia. No fasso par dire, ma la storia la xe genuína e quei che la lezerà resterà contenti e qualtri no savarà ngente de tuto sió” (LA STAFFETTA RIO-GRANDENSE, 1924a).



os imigrantes que deixaram sua terra natal em busca de uma vida melhor” (CORREIO RIO-GRANDENSE, 2017, p. 12).

A representação de *Nanetto* como menestrel de uma comunidade marginalizada (semelhante à dos imigrantes italianos em solo brasileiro), confere, a partir de suas histórias, um realismo histórico cujo enredo retrata as dificuldades do processo de integração à cultura brasileira. “Porém, aqueles que não lêem o jornal que procurem rápido porque a estória já vai começar... já está começando... e irá adiante sem retornar, até que termine! Por isso eu a conto de forma bela e genuína. Ponto final e começo” (LA STAFFETTA RIO-GRANDENSE, 23 janeiro, 1924, n. 40 - tradução nossa¹⁷).

O texto do Frade Bernardi transcende o aspecto literário ficcional do folhetim¹⁸ ao permitir que *Nanetto* adquirisse vida própria e se transformasse de um simples colono em um herói ou vilão, abarcando significados múltiplos ao recriar uma nova realidade, adaptada ao modo de vida do imigrante. Assim como todo o estrangeiro que chega a uma terra diferente, *Nanetto* é fascinado pelo novo, como o *simaron* (chimarrão), o *surasco* (churrasco) e a planta de salame (banana), descrito por Pedrotti:

Um deles quando encontra a piana de salami e, maravilhado com a generosidade da natureza ao lhe oferecer tão belos frutos (bananas), acaba se machucando ao tentar desprender um cacho [...]. Em sua caminhada em busca da cucagna, *Nanetto* se mostra maravilhado com algumas novidades, tais como o litrato (retrato) e a rivolgite (revólver) (PEDROTTI, 2007, p. 23).

Nanneto compreendeu desde cedo que os hábitos sociais, culturais e gastronômicos eram muito diferentes de seu país de origem, evocando em suas narrativas comparações a partir dos novos costumes de forma irreverente e, por vezes, engraçada.

Estou na América, a qual não é como lá longe e estou bem com a família de Berto e o boi Bragado morreu. Ele me machucou muitas vezes, aquele danado, porque eu o guiava. Com o meu trabalho ganhei alguma coisa seja em roupa seja em tamancos. Eu tenho trabalhado bem, agora estou fazendo fortuna, espero arrumar-me e quando eu ficar rico irei visitá-los (BERNARDI, 2009, p. 69 – tradução nossa¹⁹).

A importância do pensamento folkcomunicacional

A Folkcomunicação é, por natureza e estrutura, um processo artesanal e horizontal, semelhante em essência aos tipos de comunicação interpessoal, já que suas mensagens

¹⁷ No original: “Però quei che no rissevesse el giornale che i varda de domandarlo presto perché la storia co la scominsia la va... la va... finché la se fenisse; e quando avanti, no se torna più indrio!... Quindi par sto fatto, mi la conto bela e genuína. Punto e scominsio” (LA STAFFETTA RIO-GRANDENSE, 23 jan. 1924, n. 40).

¹⁸ Folhetim é um tipo de narrativa literária publicada em períodos através de capítulos sequenciais.

¹⁹ *Gia, Sono in Mèrica, la quale no ze come oltra e stago bene co la famégia de Berto, e el Bragado sono morto e el me ga fruscà tante volte, sto mostrìcio, parche mi lo menava, col me mestiero che go ciapà on fia de calcosa tanto in roba come in tamanchi, parche gano laorá bem e desso fasso fortuna e spero de rangiarne, co sirò sioro a vegnarò caratve* (Bernardi, 2009, p. 69).



são elaboradas, codificadas e transmitidas em linguagens e canais familiares à audiência, por sua vez conhecida psicológica e vivencialmente pelo comunicador, ainda que dispersa (BELTRÃO, 1980, p.18).

Na concepção de Hohlfeldt, Beltrão foi, sobretudo, “um abnegado apóstolo que pregou incessantemente a importância da comunicação para a sociedade humana; a necessidade intrínseca ao ser humano de informar-se e informar; o estágio da comunicação de massa chegava então fortemente ao Brasil, a partir dos anos 1960” (HOHLFELDT, 2001, p. 34). Ao dedicar parte de sua vida à compreensão da comunicação no âmbito científico, Beltrão priorizou o Brasil e sua brasilidade, ao interpretar a realidade de seu cotidiano.

Uma representatividade da cultura brasileira expressa na Folkcomunicação que, segundo Benjamin (1999), despertou o interesse da comunidade científica ao ser ensinada pelas universidades, utilizando o “recurso de diversas técnicas de pesquisa em uso nas ciências humanas e ciências da linguagem” (BENJAMIN, 1999, p. 287).

Ao compreender que os meios de expressão popular podem coexistir de forma interativa a mídia massiva, na opinião de Marques de Mello (2007), a Folkcomunicação abre seu campo de atuação, não se restringindo apenas aos comunicólogos, mas inclui também outros pesquisadores de diversas áreas, como Letras, Artes e Ciências Sociais. De acordo com Marques de Mello (2007), os novos conhecimentos produzidos são debatidos “revelando à comunidade universitária as singularidades dessa rede midiática constituída por micro-meios cujas raízes estão no período colonial, mas cujas antenas sintonizam a riqueza simbólica da sociedade telemática” (MARQUES DE MELO, 2007).

Bernardi, um brasileiro nascido na comunidade italiana

Aquiles Bernardi, também conhecido como Frade Paulino de Caxias, foi frade capuchinho. Filho de imigrantes italianos nasceu em terras gaúchas, 16 anos depois da chegada dos primeiros imigrantes italianos ao Rio Grande do Sul.

Podemos admitir que o Frade Aquiles Bernardi se confunde com a própria imagem do líder de opinião ao se utilizar do personagem *Nanetto* para retratar a realidade dos colonos. Afinal, também ele fazia parte da primeira geração, sendo filho de imigrantes, fato que tornava a sua relação ainda mais verdadeira junto aos indivíduos das colônias. A cada novo texto, publicado por Bernardi, *Nanetto* cumpria o papel de mediador, um



líder de opinião²⁰, ensinando aos colonos a forma com que eles deveriam portar-se na nova terra, lembrando os motivos que originaram a sua viagem, ainda na Itália:

A América começava a ser muito interessante e ele passava sempre a pensar. Um dia sua mãe o manda buscar um balde de água. Quando estava próximo a fonte lhe vem em mente a idéia de ir à América. E se joga dentro do balde com água e começa a cantar: Viva a América, lá está á a grande *cocanha*. Se bebe, se come e se alegra. Muita felicidade. Muita alegria que nunca termina (LA STAFFETTA RIO-GRANDENSE, 1924b, p.4- Tradução nossa²¹)

Para Beltrão, a influência do líder de opinião, semelhante ao papel de Bernardi, traduz-se na representatividade de alguém que “conhecia o mundo – isto é, havia recebido e decodificado as mensagens dos meios, transmitindo-as em segunda mão ao grupo com o qual se identificava” (BELTRÃO, 2001, p. 67).

Na concepção de Cervi (2007, p. 39), o “líder de opinião é um ator integrante do processo de formação e transformação da opinião pública [...], considerada como resultado da interação entre indivíduos”. Os grupos sociais passam, dessa forma, a utilizar seus próprios métodos de transmitir a informação, tendo na figura do agente mediador, uma pessoa que consegue “decodificar” e retransmitir as mensagens a partir de uma linguagem compreendida pela maioria dos moradores da comunidade.

Beltrão cunhou a expressão “agentes da Folkcomunicação” indicando toda a ação voltada a (inter) mediação dos processos de recepção das mensagens midiáticas que circulam nos vários estágios de difusão nos grupos de referência.

É possível conceber, dessa forma, o papel desempenhado pelo frade Bernardi, através do imigrante *Nanetto*, como um daqueles agentes inseridos no processo de intercâmbio das mensagens, direta ou indiretamente: ou, como nos ensina Beltrão, “entre as suas manifestações, algumas possuem caráter e conteúdo jornalístico, constituindo-se em veículos adequados à promoção de mudança social” (BELTRÃO, 2001, p. 73).

Nanetto Pipetta passa a ser, portanto, fruto da necessidade que o imigrante tinha de alguém que o representasse, conduzisse seus passos, desde sua saída na longínqua Itália até sua árdua vida na serra gaúcha.

²⁰ Como base de seus estudos, Beltrão utilizou os preceitos de Paul Lazarsfeld, a respeito da influência dos “formadores de opinião” no processo de comunicação coletiva, onde a mensagem passa por um intermediário antes de chegar até sua audiência final. Desta forma, o pesquisador brasileiro classificou o sujeito intermediário como “líder de opinião”, ao servir como comunicador, transmitindo cada mensagem através de um canal *Folk* ou audiência *Folk*.

²¹ No original: *La merica la scominsiava piazerghè tanto e sempre l'ghe pensava sora. O di so mamma la lo manda a tor na secia de acoa. Nanetto el to' su e va...Riva alla fontana, ghe vien in mente de 'andar in Merica. E se cucia drento de la secia messa in acqua e là 'le se mette cantare: Evviva la Merica, xe grande cucagna. Se beve se magna. E liegri se tà. Pì grande contento. Pì bell alegria. Che mai passa via. Mai P`catarò* (LA STAFFETTA RIO-GRANDENSE, 1924b, p. 4).

Para Tarsiano (2010, p. 25), grande parte da audiência não é atingida pela comunicação de massa porque “as mensagens não são elaboradas a partir de pressupostos inerentes à cultura dos grupos aos quais são destinadas”. Assim, a situação agrava-se com o uso de uma linguagem, por vezes, incompreensível. Por essa razão, ao utilizar o dialeto *talian* para comunicar-se com seus leitores, *Nanneto*, sob a condução do frade Achiles, vai ao encontro dos conceitos da Folkcomunicação, facilitando a compreensão dos colonos italianos, situados à margem do sistema político e social, tanto na Itália quanto no Brasil. Para Beltrão (2004) a comunicação não se limitava somente aos que eram dominadores da arte erudita e da ciência acadêmica, ela frequentava as conversas nas portas de rua, na barbearia, no barzinho, nas manifestações vinculadas aos grupos com um propósito comum: adquirir sabedoria e experiência para sobreviver e aperfeiçoar a espécie e a sociedade.

A análise através de algumas passagens

Vejamos que, de forma semelhante, a riqueza de informações contidas nas narrativas do imigrante *Nanneto*, agindo tal qual um amigo, um conselheiro, cativou seus leitores que, como um espelho, enxergavam no texto a sua própria realidade.

No diálogo abaixo, *Nanetto* descreve, através de um relacionamento humano conturbado, a importância de ter um *passa porta*, ou melhor, um passaporte:

Surge um senhor grande, com dois olhos de coruja, um nariz de papagaio e duas orelhas que pareciam não ser limpas.- O que queres?
- Tudo bem senhor?
- O que queres, deficiente?
-Senhor, eu não sou deficiente... Não sei se me faço compreender! Peço desculpas se insisto, mas eu pergunto se já chegamos na América?
- Mas estás maluco? Nós estamos em Gênova.
-E o que é necessário para andar na América?
Precisa de um Passaporte! Um passa porta! (LA STAFFETTA RIO-GRANDENSE, 1924c, p. 4 - Tradução nossa²²)

Mesmo na singeleza de sua linguagem e conteúdo, o personagem convida ao compartilhamento dos mesmos problemas e anseios do imigrante italiano, cuja repercussão era recorrente nas conversas e encontros em bares e bolichos²³, tal qual preconizado por Beltrão. Em outra passagem, *Nanetto* conta o quão difícil foi a sua

²² No original; -*Capita on sioron grando, co do oci da soeta, on naso da papagalo e do rece che le pareva no slavasse...-Che ci è? Sior Stalo ben? Che vuoi accidembole! -Sior no debole.. No so se me capisso! El me scusa se me avanso. A cge domnado se Xe La Merica coá? -Sei Pazzo? A Genova siamo qui! E par rivar in Mérica cossa ghe vorlo? -Il passaporto ci vuole.- Un passa porta.? (LA STAFFETTA RIO-GRANDENSE, 1924c, p.4).*

²³ A palavra *bolicho* na cultura gaúcha tem o significado de um pequeno armazém, estabelecimento comercial urbano ou à beira de estrada, onde é possível comprar mercadorias de diversos tipos.

chegada ao Brasil, semelhante a de outros imigrantes. Simbolicamente, o texto transmitia a confiança necessária descrevendo alternativas e caminhos para a permanência na nova terra, como uma “luz próxima”:

E agora? O que farei? Todo molhado como estou, sem nada para comer em meio aos americanos che, não sei se me compreenderão, estou começando achar cansativo. Mas onde devo passar a noite? No mato? Ele segue a caminhar e depois de cinco minutos encontra uma trilha. Ele caminha e enxerga uma luz próxima. (LA STAFFETTA RIO-GRANDENSE, 1924d, p. 4 - Tradução nossa²⁴)

Definido como um jornal de princípio católico, certamente, *Nanetto* não se isentou de transmitir os valores de religiosidade junto à comunidade de imigrantes. No diálogo abaixo, nosso personagem faz uma oração em latim, língua obrigatória nas missas da época:

-Bem, vamos nos ajoelhar e rezar *Ave-Maria, grasia pena dominus teco, benedeta tui muliéríbo e benedito fruto ventris tui ieso. Santa Maria, tar dei..*
-Ei! Como é que estás lendo a tua parte? Eu não compreendo nada em americano.
- Eu falei em italiano ou tu estás esquecida?
- Quero que rezes como a minha mãe me ensinou. Me escuta: Santa Maria
- Mater Dei (e não tardei) *ora pronobis peccatoribo etin ora mortis nostre amen.*
- Mas eu não rezei certo?
- Bem, vamos esperar o catecismo (LA STAFFETTA RIO-GRANDENSE, 1924e, p. 4 - Tradução nossa²⁵)

Os textos escritos pelo Frade Aquiles Bernardi, ao utilizar os diálogos de *Nanetto Pipetta* com os colonos imigrantes, tornaram possível evidenciar a importância do líder de opinião como agente facilitador do processo de inserção do imigrante nos hábitos culturais gaúchos. *Nanetto* descrevia assim o hábito de tomar o chimarrão.

- Não tomas chirmarrão?
- O que é?
- Coisa boa, faz muito bem! E ele aqueceu a água e colocou dentro de uma abóbora negra, depois ele colocou dentro uma ramo de folhas secas, quebrada e um canudo ele meteu e chupar com tanto gosto que parecia um filhote

²⁴ No Original: *E desso? Cosa faronti mi? Tutto bagná come sono, senza gnente da magnare, in medo i mericani che, non so me capisso, ma a darghela da intendare la cato me sa fadicoso. Ma.. dove andare mi passar la notte? In del matto? E qua 'il se ga messo a caminare e dopo un sinque minuti il cata un trodo. Il cammina ancora e il vede na luze a poca distanza* (LA STAFFETTA RIO-GRANDENSE, 1924d, p. 4).

²⁵ No original:- *Ben, demo mettete in denocio e dizemo un'Ave Maria. Ave Maria, grasia pena dominus teco, benedeta tui muliéríbo e benedito fruto ventris tui ieso...-Santa Maria, tar dei...- Come gávio dito vu la vostra parte? Ca no go capio gnente! In merican?- In italian fetivo la go dita o la ghetto desmentegada, ti!Voglio ca ve la diga come me la insegnava me mamma. Scolte me: Santa Maria Mater dei (e no tardei) ora pronobis peccatoribo etin ora mortis nostre ame. Nola xe mia giusta? -Ben vardaremo tel catechismo* (LA STAFFETTA RIO-GRANDENSE, 1924e, p. 4).



XVIII Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Recife-PE, 02 a 05 de maio de 2017 – UFRPE/FACIPE

mamando (LA STAFFETTA RIO-GRANDENSE, 1924f, p.4 - Tradução nossa²⁶).

As amostras analisadas apontam para a imagem de um líder de opinião, necessário para os processos evolutivos da comunidade. O frade Bernardi, sabedor das dificuldades de transporte, relatou aos imigrantes italianos, com simplicidade e riqueza de detalhes, as peripécias de *Nanetto* e a sua forma de deslocamento entre Porto Alegre e a colônia:

Quando este tipo embarcou para Porto Alegre, para chegar nesta colônia italiana, ele pensava que fosse um lugar como Veneza, com todas as comodidades de casas, estradas, pontes e por aí vai, etc. Sim, sim! Para vir ele precisou de muitos dias, longos, longos. No início ele teve de pegar um trem a vapor até São Sebastião do Caí. Que cansaço! (LA STAFFETTA RIO-GRANDENSE, 1924h, p.4 - Tradução nossa²⁷).

O conhecimento, empregado com habilidade pelo líder de opinião, era a garantia de que muitos conselhos fossem dados aos colonos trabalhadores. O frade Bernardi entendeu que, a partir da dificuldade imposta pela ignorância, muitos desconheciam a necessidade de tratar seus problemas de saúde, obedecendo as recomendações médicas. Dessa forma, *Nanneto*, quando teve uma fratura em sua perna, dividiu com seus leitores os conselhos dados pelo médico que o atendeu: “Tu és um cabeça-dura que não me compreende[...]. As minhas recomendações, permanece sempre quieto, não caminhes, não te mexas, procure não te mover, não te vires[...].” (LA STAFFETTA RIO-GRANDENSE, 1924i, p.4 - Tradução nossa²⁸)

O papel do líder de opinião como um comunicador de folk, ou uma forma de tradutor como preconizado por Beltrão, consegue qualificar o grau de entendimento ao utilizar a linguagem correta para a efetiva realização do processo de mediação. Nesse sentido, ao adotar uma linguagem franca e farta de otimismo, as histórias de *Nanetto* fortaleciam a ideia da superação das dificuldades através da esperança, da confiança, representada na sua própria melhoria de vida na busca da tão sonhada *cocanha*. Em um dos trechos finais foi possível ler que “Nanetto Pipetta, assim, com o novo trabalho, já vislumbrava

²⁶ No original: *Non toma somaron.- o que xe? -Roba boa, tanto faz bem!E lá il ga scaldà na pignatela de acoa e ciapa na suca negra, el ghe há messo drento na branca de foie seche, rotte a te sta suca e ca na canucia el se ga metesto a ciucire co tanto gusto che 'l pareva ona creatura de late* (LA STAFFETTA RIO-GRANDENSE, 1924e, p. 4).

²⁷ No original: *Coando sto toso i lo già imbarca in Portolegno par vegnare in sta colonia italiana; elo 'l se maginava che 'l fosse on paese come Venessia, co tutte le so comodità de case e stardee e ponte e vai te sètara. Sì, sì!! Per vegnare in suso ghe ga volesto na mucia de giornade longhe ma longhe! In prinsipio i xe vegnesti tel baporin senza machina, fia a S. Bastian. Che fadighe!* (LA STAFFETTA RIO-GRANDENSE, 1924h, p. 4).

²⁸ No original: *-Tu sei um matusello che non mi capici[...]. Le mie raccomandazioni: Sta sempre chieto, non m varte suso, sta sodo, no ramenarte, varda star sempre parco di moverti, non svoltarti[...]* (LA STAFFETTA RIO-GRANDENSE, 1924i, p.4).



a cucanha, ainda que, propriamente, não a havia encontrada. De qualquer forma era possível enxergar o seu progresso” (LA STAFFETTA RIO-GRANDENSE, 1924l, p. 4 - Tradução nossa²⁹). A cada conselho dado por Nanetto seguia-se de um exemplo de vida, uma recompensa que todo o colono trabalhador poderia ter em seu progresso de vida no Brasil. No texto abaixo, é possível identificar, também, a importância da religiosidade nesse processo de agradecimento, através da missa dominical:

Neste meio tempo, Nanetto feliz da vida por ter levado cinco mulas carregadas para São Sebastião[...] e depois de tudo, ao voltar para casa já noite (enluarada) de sábado, o seu patrão paga dois mese adiantados: 30 contos e com estes, Mil Réis! Na manhã de Domingo, ele pede uma mula emprestada ao patrão para ir à missa... (LA STAFFETTA RIO-GRANDENSE, 1924m, p. 4 - Tradução nossa³⁰).

Conclusão

Concluimos nossa abordagem demonstrando que os preceitos da Folkcomunicação estão presentes na valorização dos processos culturais comunitários. O conteúdo exposto encontrou similaridade com as ideias de Beltrão ao conferir uma visão mais humana e inclusiva, onde o sujeito passa a ser protagonista do seu cotidiano, preservando sua identidade cultural. Ao salvaguardar de forma eficaz e proativa a genuína trajetória de vida e peculiaridades sociais de seus integrantes, os ensinamentos de Beltrão permanecem atuais, servindo de referencial para todas as gerações comunicadoras, como um dos pioneiros na pesquisa desta ciência no Brasil.

Seus ensinamentos, aplicados ao nosso trabalho, permitiram realizar um processo de intercâmbio cultural no interior dos grupos de italianos marginalizados, pelas circunstâncias que cercaram o processo de imigração, legitimando, ainda mais, o sentimento de partilha comunitária. Entendemos, pois, que a simplicidade com a qual o personagem *Nanetto* comunicava-se com seu público permitiu que informações necessárias no campo da justiça, saúde, cidadania fossem decodificadas e repassadas de forma natural, facilitando a recepção e apropriação dos valores culturais, a partir de um veículo de comunicação de massa como o jornal.

²⁹ No original: *Nanetto Pipetta donca col novo servisio coge, romai romai che sembrava de vedarla la cucagna, se proprio no la gaveva ciapada. Infatti si riconosseva a ocio i progresso (LA STAFFETTA RIO-GRANDENSE, 1924l, p.4).*

³⁰ *In questo frattempo Nanetto gabio da 'andare in S. bastian coi ovi sinque mule carghe[...] ma pí de tutto de notte col ciaro de lun. Rivá casa, al sabo de sera 'l so paron lo ga pagà par do mesi: trenta fiorini e coindese miaré!.. La mattina drio, Domenga, el doanda al padron na mula par andare a messa (LA STAFFETTA RIO-GRANDENSE, 1924m, p.4).*



**XVIII Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Recife-PE, 02 a 05 de maio de 2017 – UFRPE/FACIPE**

Finalizamos nosso trabalho, fazendo referência, uma vez mais, sobre a semelhança dos estudos de Luiz Beltrão com a vida e estória de *Nanetto Pipetta*. O teórico afirma que as comunidades marginalizadas “apoiam o seu líder, como porta-voz dos seus protestos e reivindicações, o acompanham e o imortalizam, pois mesmo depois de mortos continuam vivos na memória das gentes ou na reencarnação em líderes posteriores” (BELTRÃO, 1980, p. 109). Por essa razão, nem mesmo a morte de Nanetto e o fim das publicações de suas estórias no *La Staffeta* encerraram a trajetória do personagem, que ressuscitou como um mito, em 1937³¹.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Silvia; EWALD, Ariane. **Lembranças do país da cocanha entre os descendentes de imigrantes italianos no início do século XX: o Brasil imaginado.** In: Revista dos Estudos e Pesquisas em Psicologia, UERJ, Ano 9, n. 1. Rio de Janeiro: UERJ, 2009, p. 248-253.

BELTRÃO, Luiz. Comunicação popular e Região no Brasil. In: Marques de Melo, José, (org) Comunicação / incomunicação no Brasil, São Paulo: Loyola UBC, 1976.

_____. Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados. São Paulo: Cortez, 1980.

_____. Folkcomunicação: Um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de ideias. Porto Alegre: Edipucrs, 2001.

_____. Folkcomunicação: Teoria e metodologia. São Bernardo do Campo: Umesp, 2004.

BENJAMIN, Roberto. **A nova abrangência da Folkcomunicação.** In: PCLA. Revista Científica Digital, v.01, nº 01,1999.

BERNARDI, Aquiles. Nanetto Pipetta. Versão Portuguesa. Trad. de Maria Adami Tcacenco e Alberto Víctor Stawinski. Porto Alegre, Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, Caxias do Sul: EDUCS, 1988.

_____. Vita e Stòria de Nanetto Pipetta. Nassuo in Itàlia e vegnudo in Mèrica per catare la cucagna. 10 ed., Porto Alegre: EST/CR, 2009.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 1977.

CERVI, Emerson. **Líder de Opinião.** In: GARDINI, Sérgio; WOITOWICZ, Karina (Orgs.). Noções Básicas de Folkcomunicação: uma introdução aos principais termos, conceitos e expressões. Ponta Grossa: Editora da Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2007, p. 39-43.

³¹ Em 1937 a coletânea de crônicas foi reunida em livro, intitulado Vita e Stòria de Nanetto Pipetta – *Nassuo in Itàlia e vegnudo in Mèrica par catare la cucagna*.. Em 1956 foi reeditado e rapidamente esgotado. Hoje já está na sua quarta edição, contabilizando um total de 150 mil exemplares. A história de *Nanetto* está presente nas bibliotecas italianas e já foi objeto de vários estudos acadêmicos.



**XVIII Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Recife-PE, 02 a 05 de maio de 2017 – UFRPE/FACIPE**

DE BONI, Luis; COSTA, Rovílio. **Os italianos do Rio Grande do Sul**. 2 ed., Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 1982.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: Edusp, 1999.

HOHLFELDT, Antônio. **Luiz Beltrão**: o profissional de jornalismo e o preparador de jornalistas. In: Beltrão, Luiz. **Folkcomunicação** : um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de idéias. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

MARQUES DE MELO, José. Mutações em Folkcomunicação - revisitando o legado beltraniano. **Verso e Reverso**, Brasil, v. 21, n. 46, 2007.

Disponível em:

<<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/versoereverso/article/view/5772/5230>>.

Acesso em: 6 abr. 2017.

PEDROTTI, Tania. **Nanetto Pipetta**: modos de representação. Dissertação apresentada na Universidade de Caxias do Sul: UCS, 2007. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/xmlui/bitstream/handle/11338/242/Dissertacao%20Tania%20Perotti.pdf?sequence=1>. Acesso em: 6 abr. 2017

POZENATO, José Clemente. **Algumas considerações sobre região e regionalidade**. In: Processos culturais: Reflexões sobre a dinâmica cultural. Caxias do Sul: Educs, 2005.

TARSIANO, Paulo Rogério. Luiz Beltrão, visionário sedutor. In: **Anuário Unesco Metodista de Comunicação Regional**, v. 14, n. 14, São Paulo: UMSP, 2010, p. 17-29.

TRENTO, Angelo. **Do outro lado do Atlântico**: um século de imigração italiana no Brasil. São Paulo: Nobel, 1989.

Jornais Consultados

CORREIO RIO-GRANDENSE. Edição n.5.532 Ano CVIII - Caxias do Sul - 8 de fevereiro de 2017, p. 10. Disponível em: <http://www.correioriograndense.com.br>. Acesso em: 15 fev. 2017.

LA LIBERTÀ. Edição n. 1, 1909. Caxias do Sul/RS. Disponível em: <<http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/portalliquid/Pasta/Documentos/3672>>. Acesso em: 15 jan. 2017.

LA STAFFETTA RIO-GRANDENSE – Garibaldi/RS, 1924 (letras a, b, c, d, e, f, g, h, i, l, m). Disponível em: <<http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/portalliquid/Pasta/Documentos/3672>>. Acesso em: 15 jan. 2017.